



A paixão de Jesus em Marcos: em hermenêutica latino-americana

The passion of Jesus in Mark: in Latin American Hermeneutics

Junior Vasconcelos do Amaral*

Resumo

Este estudo visa a perceber que a hermenêutica da Paixão de Jesus no Evangelho de Marcos, em uma perspectiva latino-americana, enriquece ainda mais a teologia bíblica acerca do evangelho marcano. Este evangelho vem sendo muito lido nos últimos dois séculos. À luz de sua leitura, somos despertados a pensar nossa fé, compreendendo a Paixão de Jesus, em sentido da compaixão para com tantos os seres humanos que sofrem as agruras da maldade do mundo. No intercâmbio de experiências entre o leitor e o texto e a vida de incontáveis pobres, é possível imaginar que a Paixão de Jesus vai, paulatinamente, sendo recontada e revivida no mundo de hoje, numa refiguração hermenêutica. Algumas questões buscam delinear esta reflexão teológica, a partir do prisma da cruz de Jesus, em sua Paixão, narrada por Marcos, em consonância com os “crucificados” de hoje. A Paixão de Jesus Cristo nos *afeta*, em sua profundidade, pois é memória atualizada; daí a Paixão de Jesus, em sua pragmática, leva-nos ao não esquecimento de Jesus e de seu extraordinário evangelho – Boa-Nova do Reino de Deus. Portanto, o leitor do Evangelho, sobremaneira, da Paixão, é despertado a pensar “como descer os pobres da cruz hoje?”, haja vista que vivemos em um mundo repleto de “povos crucificados”.

Palavras-chave: Evangelho de Marcos, Paixão de Jesus, crucificados, compaixão, continente latino-americano.

Abstract

The aim of this study is to show that Latin American hermeneutics greatly enrich Biblical Theology regarding the Passion of Jesus in the Gospel of Saint Mark; a Gospel which has been widely read in the last two centuries. This Gospel stimulates us to link our understanding of the Passion of Jesus to compassion for the suffering of the poor caused by the sin of the world. The interchange of experiences that the reader establishes between the text and the thousands of poor people leads us to understand that the Passion of Jesus is, in a hermeneutical refiguration, being relived in today's world. Based on Saint Mark's account of the passion of Jesus, some lines of thought see a connection between the sufferings of Jesus on the cross and the sufferings of the crucified of today. The profundity of the Passion of Jesus affects us because it is relived memory. Therefore the pragmatism of the Passion of Jesus never lets us forget Jesus and his extraordinary Gospel: the Good News of the Kingdom of God. Since we live in a world overflowing with crucified people, the person who reads the Gospel, especially the Passion, is led to think about means to remove the poor of today from their daily crosses.

Keywords: The Gospel of Mark, The Passion of Jesus, Crucified, Compassion, Latin American Continent.

Artigo recebido em 25 de setembro de 2017 e aprovado em 28 de agosto de 2018.

*Doutor em Teologia Sistemática pela FAJE, presbítero em Belo Horizonte. Professor do Departamento de Teologia Bíblica no Instituto Dom João Resende Costa, na PUC-Minas. País de origem: Brasil. E-mail: jvsamaral@yahoo.com.br.

Introdução

*“Cada pessoa que morre
é um pedaço do mundo que morre”.*
(Sebastião Salgado)

A partir do contato com o evangelho, como nos recorda Leonardo Boff, o povo vai se “libertando da religião da fatalidade e do desalento” (BOFF, 1977, p. 146), de uma religião que lê o evangelho como um fato passado, distante e sem vida, como um fóssil arqueológico. A leitura do evangelho, pelo contrário, desperta nos leitores, de modo particular, no “povo miúdo” (1977, p. 146), o povo simples, a indignação e o questionamento.

O evangelho de Marcos, em sua particularidade a Paixão de Jesus (Mc 14,1 – 16,8), suscita no leitor de hoje, nas pessoas mais simples questões relevantes: Por que há, ainda, no mundo de hoje tanto sofrimento e tanta Paixão humana, tão escandalosa como aquela sofrida por Jesus na cruz? Há, nos dias de hoje, meios de suscitar a misericórdia, a compaixão para com os sofredores, a fim de descê-los da cruz, colocando fim ao sofrimento?

Deste modo, para delinear um horizonte hermenêutico, propomos o diálogo com a teologia latino-americana, sobretudo, a teologia de Ignacio Ellacuría. Não se pretende, de antemão, esgotar as terminologias propostas por este teólogo, a saber: o “povo crucificado” ou “povos crucificados”. Pretende-se pensar a hermenêutica do relato da Paixão em Marcos a partir da realidade latino-americana, lugar no qual lê, medita e celebra o relato bíblico da Paixão e ressurreição de Jesus. A intenção aqui não é pensar uma teologia sistêmica da Paixão, mas perceber os efeitos que o relato da morte de Jesus desperta nos leitores deste mundo, o qual, segundo I. Ellacuría se faz constituído de “povo crucificado” e de uma “civilização da pobreza”. Para J. Sobrino, estes conteúdos são temas preponderantes da maturidade teológica de I. Ellacuría e indispensáveis nos escritos teológicos do

teólogo que enriquece esta discussão. O Ellacuría *contracultural*¹ parece ter sido esquecido ou ignorado em alguns escritos. Contudo, ele continua “sendo o agulhão socrático, incômodo, mas também positivo – e necessário – no mundo atual”² (SOBRINO, 2008, p. 17-18).

À luz do Espírito, somos convidados a meditar o evangelho da Paixão de Jesus como fonte de inspiração para nossa *práxis* e vida. Pressupõe-se que o ato de ler – *legere* –, compreende o agir, a *práxis*. Isso significa que os olhos leem aquilo que a consciência é inquietada a assumir e a concretizar, a partir da vivência espiritual e pastoral. Nesse sentido:

O leitor da Bíblia, como um maestro que executa uma partitura musical, ao executar o texto, pelo ato da leitura, reflete, imagina e interpreta o horizonte que lhe afeta. É o mundo do texto bíblico que se desnuda diante dele, o que caracteriza o discurso da sua fé na qualidade de discurso poético. (XAVIER, 2007, p. 13).

A princípio, são muitos os crucificados no mundo de hoje e a voz que emana das vítimas nem sempre é escutada e acolhida a fim de que a injustiça chegue a um ponto final. Há mulheres vítimas de violência doméstica, sexual e no âmbito do trabalho; crianças ameaçadas e desrespeitadas em seus direitos básicos e inalienáveis. Homens e mulheres vítimas da exploração do trabalho, ganhando abaixo do prescrito por direito, vítimas do trabalho escravo, da injustiça do mundo do trabalho. Há idosos sendo maltratados e vítimas da exploração de seus familiares. Há pessoas que sofrem discriminação por sua condição sexual, seu gênero; vê-se, cotidianamente, a morte de muitas travestis e homossexuais pelo mundo afora. Há, enfim, uma gama imensa de crucificados no mundo. Sem contar as milhares de pessoas sem-teto, sem-terra, sem-lar. Os imigrantes e refugiados

¹ Pode-se perceber com o uso do termo *contracultural* uma crítica à tendência de uma leitura unilateral do teólogo Ellacuría. Há que se ler tudo aquilo que ele escreveu e, sobremaneira, seus escritos que estão situados na contramão da teologia tradicional. Alguns teólogos latino-americanos sofreram preconceitos veementes por terem escrito de forma contestadora, crítica e foram apelidados de subversivos, sobretudo aqueles que viveram no regime da ditadura militar.

² Para uma melhor explicação, I. Ellacuría foi quem primeiro expressou o termo teológico “povos crucificados”, retomado posteriormente por J. Sobrino, a quem também fazemos alusão aqui. Com esse termo, J. Sobrino “assume a expressão do teólogo I.”. Ellacuría em um de seus artigos sobre o “povo crucificado”. Ora J. Sobrino utiliza “povo crucificado” no singular, ora utiliza “povos crucificados”, no plural. “Entretanto, ambos os teólogos fazem um círculo hermenêutico entre a Paixão de Jesus vista do lugar dos povos crucificados e os povos crucificados vistos a partir da Morte de Jesus”. (SILVA, 2010, p. 242).

que, neste novo êxodo, são obrigados a deixar suas casas e nações, em busca de novas esperanças. Há, portanto, incontáveis Cristos hoje sendo vilipendiados, maltratados, ameaçados e injustiçados pelo *ethos* pós-moderno, pelo sistema político e por tantas instituições. Deste modo, o que a Paixão de Jesus narrada há dois milênios significa para a atualidade? Esta narrativa pode ser interpretada no horizonte hermenêutico dos pobres, das vítimas, das massas humanas, amorfas, com rostos desfigurados e abatidos, vitimados e ameaçados em seus direitos fundamentais, tais como a liberdade, a dignidade e o respeito?

Destarte, ler o relato da Paixão de Jesus no evangelho de Marcos (14,1 – 16,8) constitui uma oportunidade para reler a paixão de tantos homens e mulheres que, assim como Jesus, carregam a cruz hoje, mas nem sempre recebem de seus semelhantes compaixão, solidariedade e esperança de ressurreição. Ler o relato da Paixão de Jesus, confrontando-a com a paixão dos crucificados de hoje, constitui o desafio de redimensionar a esperança do mundo, lugar especial da criação divina, do anúncio do Reino e de sua soberania, que não quer vítimas, nem holocaustos (Os 6,6), mas um Povo santo, uma nação de misericordiosos (Lc 6,36) e redimidos. Estender as mãos e abrir os braços para acolher os crucificados é o papel que os cristãos de hoje, também muitas vezes vítimas dos males do mundo, são convidados a vivenciar. Descer os Cristos das cruzes é um desafio cristão, que vai sendo assumido concomitantemente à leitura e interpelação da alteridade do evangelho.

Toda esta indagação aponta para o fiel da balança: por que a morte de Jesus é ainda hoje um forte apelo para a vivência da fé cristã? Que sentido ou significado a narrativa da Paixão de Jesus tem na vivência da fé dos cristãos hoje? Na esteira deste pensamento, pode-se lembrar a importante questão suscitada por L. Boff: “Como pregar a cruz de Jesus numa sociedade de crucificados?” (BOFF, 1984)³. Em

³ Esta questão é antecipada por L. Boff em sua obra *Paixão de Cristo, Paixão do Mundo*, sobremaneira, no “esclarecimento” ou assim dizendo escopo da obra, no qual de forma prefacial ele afirma que: “Nosso ensaio intenciona ajudar aqueles que, doloridos, procuram conferir um sentido à paixão dolente deste mundo. Quem sabe, a meditação da paixão do profeta e justo sofredor Jesus Cristo desperte em nós forças insuspeitadas de resistência e de ressurreição”. (BOFF, 1977, p. 8-9; TAVARES, 2002).

contrapartida, também poder-se-ia questionar: por que muitos cristãos, hoje, já não se identificam com o Jesus revelado na cruz, o crucificado, mas tão somente com o Cristo glorioso, o Cristo triunfante? Sobretudo, aqueles que admitem e transmitem um discurso que em nada adere e coaduna com a realidade assumida por Jesus na cruz e acabam subvertendo o evangelho do Nazareno com teologias da prosperidade ou da retribuição, esvaziando o significado da morte redentora de Jesus? Com isso, tais “teologias” tentadas a uma experiência de cristianismo dessituada da realidade do *povo crucificado*, que traz os estigmas de Cristo em suas estruturas perversas, desleais, anunciando um cristianismo desprovido do caminho da Paixão. Neste sentido, faz-se necessário compreender a arte de narrar Jesus em relação à vida do povo latino-americano, sobretudo dos injustiçados.

1 A arte de narrar: para que Jesus Cristo não seja esquecido

A arte de narrar, consiste indubitavelmente no recurso da sabedoria; a forma criativa de não se esquecer da história vivida e passada. Na Antiguidade, período da gênese do evangelho de Marcos, narrar significava não se esquecer de algo ou de alguém. No caso do evangelho em questão, tratava-se de não se esquecer de Jesus de Nazaré. Nos últimos tempos, a arte de narrar foi perdendo espaço para o ato de informar: os fatos são, cotidianamente, repetidos; a monotonia e o desinteresse fazem com que os dados extraordinários se tornem cada vez mais corriqueiros. Contudo, não se pode queixar, pois ainda há no mundo de hoje muitos narradores que fazem com que esta arte ainda se perpetue. Não obstante esta esperança, *contar histórias* se tornou cada vez mais um fato inusitado. O empobrecimento narrativo foi tomando conta da formação atual. Hoje, muito se conhece sobre as coisas, contudo, poucas coisas são dignas de narrativas, contadas ou recontadas: a crise no “intercâmbio de experiências” (BENJAMIN, 2012, p. 213)⁴ acometeu a todos.

⁴ Segundo W. Benjamin (2012, p. 213), “é cada vez mais frequente que, quando o desejo de ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize. É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”.

É nesse cenário, de empobrecimento no intercâmbio de experiências, que a narrativa da Paixão de Jesus em Marcos convida o leitor a reaproximar-se do mistério da vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus. O narrador nos atinge com sua mensagem simples⁵: a vida de um homem da Galileia, enviado por Deus para a missão de salvar a todos com a doação de sua própria vida (Mc 10,45). Sua vida, vista a partir da libertação de seus semelhantes, teve um desfecho cruel: na paixão e morte de cruz. Deus, contudo, não o deixou aniquilado na morte, ressuscitando-o para vida eterna (Mc 16,7). Ele, hoje, precede seus discípulos (as) na Galileia, o lugar escatológico por excelência, lugar da revelação plena de Deus, comum a todos os que o seguem e proclamam seu evangelho. A mensagem do evangelho de Marcos se descortina como convite intenso ao não esquecimento de Jesus de Nazaré, ao retorno à sua mensagem, ao anúncio da Boa Nova do reinado de Deus (Mc 1,15).

2 Narrativa e hermenêutica: repetição atualizadora

A narrativa conduz o leitor a crer naquilo que lhe é narrado. Particularmente, o evangelho de Marcos se constitui uma narrativa de memória, de recordação alegre da vida de Jesus, em toda sua plenitude: a vida de Jesus, digna de ser narrada, não obstante sua morte será sempre recordada como experiência vital do Filho de Deus (Mc 15,39), o anunciador do Reino, o homem seguido por muitos até os dias de hoje, mesmo sem nele terem tocado ou com ele terem convivido constitui-se uma pessoa instigante e atraente. É provocante pensar que alguém como Jesus, que sequer seja conhecido pela convivência, possa exercer tanto fascínio a ponto de levar as pessoas a professarem, confessarem e testemunharem suas vidas a partir do *modus vivendi* de Jesus. É na escuta e leitura do evangelho que se pode responder à questão inquietadora; é no contato com o texto, como memória atualizadora, que se pode iluminar a vida e deixá-la ser guiada por Jesus, o Filho de Deus (Mc 1,1). O evangelho, portanto, pode ser

⁵ Na perspectiva de Benjamin, “o senso prático é uma das características de muitos narradores natos”. (BENJAMIN, 2012, p. 216). Valendo-se desta consideração, pode-se dizer que Marcos se constituiu um narrador nato que, com muita facilidade, contou a vida de Jesus e a reproduziu com clareza e distinção, narrando fatos sobre sua Morte e Ressurreição para as primeiras comunidades cristãs do século I.

considerado espelho no qual o cristão se vê à imagem de Jesus, ora refletida nele, ora atualizada e incorporada em suas ações.

Narrar se torna, portanto, condição de possibilidade para que a memória de Jesus seja atual: é preciso narrá-lo sempre, não apenas com palavras, mas, acima de tudo, com a práxis, que tem como base a Escritura, de modo especial, o relato da Paixão, o epicentro da vida de Jesus, a definição de sua missão e sua opção de vida radicada na realização da vontade de Deus (Mc 14,36). Tal narração, significa atualização de Jesus como memória viva, como flecha que perpassa o espaço da história humana. Narrar a vida de Jesus consiste entretecê-la na própria vida, na experiência mística e pastoral, como experiência vital, nos moldes de uma teografia⁶ ou cristografia, isto é, percebendo as marcas de Cristo reescritas no hoje da história, por meio da vida de anúncio e libertação por parte de cada cristão (ã).

O evangelho proclamado hoje corresponde à ação de Jesus Cristo reescrita e ecoada, como catequese, por meio de nosso contato com ele. Na história pessoal e comunitária, a vida e a ressurreição de Jesus se atualizam pela Paixão. Cristo, narrado em sua Paixão, constitui a essência e a culminação do evangelho como um todo, sobremaneira em Marcos. Jesus, em sua morte e aniquilação, constitui a verdade sobre a qual se apoia o narrador de Marcos, revelando-o aos leitores de hoje. Contudo, a sutileza do mistério da ressurreição se torna o mais belo anúncio de seu narrador, tratando-se de um mistério que pode ser compreendido, em sentido pleno, na morte, pois é nela que Jesus se revela em sua consumação. Assim, a arte de narrar a Paixão de Jesus e convertê-la em espelho para o leitor, o qual poderá se ver refletido, constitui a experiência fulcral do evangelho, tratando-se da ação narrativa de não deixar Jesus esquecido na poeira da história cristã.

⁶ Teografia significa a experiência e percepção das “marcas de Deus em cada um de nós” (MORO, 2001, p. 10). Em se tratando da orientação espiritual, “no Cristianismo, a vida de Cristo é o horizonte de toda orientação”, afirma Ulpiano (MORO, 2001, p. 12). Neste sentido, podemos entender a leitura do Evangelho de Marcos e sua identificação narrativa como uma cristografia, a percepção das marcas de Jesus Cristo e sua Paixão em nossa vida. Tal cristografia, a nosso ver, pode ser compreendida como a experiência mística na qual se busca a identificação com Jesus Cristo, o Filho de Deus.

A função do hermenêuta hoje consiste em aproximar a Paixão de Cristo dos leitores atraídos pelo evangelho. Ler, de modo geral, consiste em se encontrar com o texto, que é sempre outro; ler o evangelho marcano consiste na dinâmica de se encontrar com Jesus entretido na narrativa viva, vivenciando-a como experiência, convite e, acima de tudo, como memória atualizadora e fascinante, que se destina a todos os que desejam conhecê-lo.

2.1 Pragmática da narrativa

Percebe-se, portanto, que a narrativa da Paixão tem como finalidade narrar Jesus e não deixá-lo no esquecimento, pois sua vida atinge a todos os que nele creem. Desse modo, a narrativa de Marcos visa a não somente dissertar a respeito da vida de alguém importante como Jesus, que viveu no I século da era Cristã, mas destacar que sua vida, como itinerário teológico, no qual estava presente a ação de Deus e o anúncio de seu Reino, se torna fonte primordial para a vida dos cristãos, os seguidores hoje e sempre.

Pode-se considerar que narrar Jesus corresponda à arte de contá-lo na história humana a fim de que todos o conheçam. Há, portanto, uma pragmática nesta arte, uma intenção nítida e acentuada: fazê-lo conhecido àqueles que nele ainda não creem. Esse pode ser considerado o caminho trilhado por Marcos em sua narrativa – o narrador buscou falar de Jesus, anunciando-o por gestos e palavras e, acima de tudo, pela concreção de sua vida, doada na cruz da Paixão. A pragmática fundamental do evangelho marcano consiste, portanto, não somente em suscitar a memória de Jesus, a fim de que não seja esquecido, mas em convidar os leitores, de todos os tempos e lugares, à fé, à adesão mais profunda e consciente a Jesus de Nazaré.

A pragmática ou escopo da narrativa de Marcos consiste em revelar Jesus, o Filho de Deus em sua Paixão e morte de cruz (Mc 15,39), a fim de que o leitor, nele crendo, possa “caminhar” à luz de sua ressurreição e, assim, ser conduzido à vida eterna. Ao ler o evangelho, pode-se vislumbrar o caminho da cruz traçado pelo

protagonista Jesus e o convite a segui-lo em seu caminho de ressurreição, que se manifesta por excelência na Galileia (Mc 16,6-7).

Desta maneira, o narrador marcano conta a vida e a missão de Jesus, bem como o significado de sua morte e o mistério, continuamente anunciado, de sua ressurreição. O escopo do segundo evangelho consiste, também, em conduzir o leitor, pela arte de ler, à profundidade da vida de Jesus, à exclamação de seu martírio e ao mistério de sua vida nova de Vivente, que precede aos discípulos e discípulas no caminho para a Galileia. A comunidade marcana e seus leitores são convidados a deixar o *status* de ouvintes, de simples leitores e passarem à experiência de seguidores, de discípulos e, posteriormente, de apóstolos, a fim de chegar ao encontro com Jesus na Galileia, onde ele poderá ser vislumbrado na plenitude de Ressurreto.

Outro aspecto fundamental, percebido na leitura da Paixão, corresponde à memória de Jesus. Além de o texto ser considerado um espelho, ele se converte também em força refiguradora, reflexiva, na qual aquele que lê e também a comunidade leitora, se abrem à possibilidade de agirem conforme o reflexo da Paixão de Jesus, crendo que a morte deste não corresponde à última palavra sobre sua vida, mas que coexiste à morte a ressurreição; esta se torna a mais expressiva resposta de Deus. Os leitores de Marcos são convidados a refigurarem suas vidas a partir da epifania da ressurreição no final da trama do evangelho. Refigurar-se consiste em se tornar, a partir do texto, em um *vir a ser*, ou seja, a se tornar semelhante ao que se lê, portanto, um convite à Ressurreição.

3 “Descer os crucificados da cruz”: em hermenêutica latino-americano

A Paixão de Jesus lida em consonância à realidade atual, isto é, junto aos ecos que emanam da sociedade que clama por solidariedade e compaixão, se refigura aos ecos provenientes da vida dos pobres e crucificados deste mundo, milhões de homens e mulheres que vivem sob o signo da violência e da morte, sob o signo da cruz.

Deste modo, a Paixão, ao ser pensada como experiência narrativa, que convida à refiguração – o refazer-se do leitor –, pode ser compreendida como *memória* que *afeta*, ou seja, que *toca* interiormente, tal como uma incisão. Tal memória é *affectante*, ainda no tempo presente, mesmo distante do fato ocorrido há quase dois milênios, com Jesus de Nazaré. Destarte, o cristão hoje é convidado a ler a Paixão de Jesus não como uma história passada, mas uma história presente, revivida, vislumbrada todos os dias nos mais diversos cenários deste mundo. Nessa esteira, ler e meditar o relato da Paixão consiste em se abrir a sua pragmática, que aponta e lança à prática da misericórdia e da compaixão, gestos que fundamentam a confissão e o testemunho da fé cristã.

A Paixão de Jesus, compreendida como realidade desestabilizadora e inquietante, desperta o olhar cristão, a atenção, à paixão e o sofrimento de milhares e talvez bilhões de irmãos e irmãs. As paixões e os sofrimentos de Cristo e do mundo podem ser compreendidos como memórias intercambiáveis e experiências que se refiguram e confluem, realidades que se comunicam. Cristo habitou este mundo, nasceu e nele viveu, por isso, é possível estabelecer uma conexão profunda entre ele e o mundo, com seus habitantes e toda a natureza humana. O sentido do sofrer de tantas pessoas, muitas vezes abandonadas em suas cruces, conduz à memória da Paixão de Jesus. Na Paixão de Jesus, percebe-se que o mundo ainda faz suas vítimas, crucificando-as, hoje, em outros madeiros: da violência, impunidade, corrupção, fome, enfim, da completa desumanização.

A partir desta perspectiva de leitura, como memória intercambiável e ação refiguradora, o evangelho se torna capaz de lançar seus leitores, mesmo em um horizonte hermenêutico distante, à luz do “fato” Jesus Cristo; este fato se reflete hoje nos mais diversos e incontáveis rostos vitimizados. Estes dizem: “*Vede-nos, aqui, em nossas miseráveis cruces!*” Compreende-se, destarte, que o sentido pragmático da Paixão de Jesus Cristo, no evangelho em questão, consiste não apenas em contar ou discursar acerca de Jesus, mas em convocar os cristãos a configurarem suas vidas com a própria imagem de Jesus e com a daqueles que

fazem parte de tal Paixão, que se prolonga hoje nos corpos e rostos das vítimas da injustiça do mundo. A intenção do relato da Paixão é levar cada cristão (ã) à solidariedade e à compaixão com os crucificados deste mundo, buscando descê-los, com solicitude, de suas cruces.

Em se tratando do horizonte hermenêutico latino-americano e brasileiro, sabe-se que se constitui, em sua grande extensão, de pobres e marginalizados. Os pobres, a classe dominada, muitas vezes marginalizada, compõem a maior parcela deste imenso Continente e do país. Trata-se de homens, mulheres, crianças, idosos, jovens “crucificados”, vítimas da injustiça social e política, impostas por parte da classe que domina e, na maioria das vezes, explora. Há milhares de homens e mulheres “crucificados”, vivendo abaixo da linha da pobreza, em extrema miséria, em condições insalubres e inóspitas, sobrevivendo em trabalho escravo, e com o mínimo necessário para consolidarem sua dignidade, isto é, sem o mínimo necessário para atingirem os objetivos primários assumidos pela Declaração Universal dos Direitos Humanos⁷: *liberdade, igualdade e dignidade*. Há, em contrapartida, poucos que vivem afortunadamente e acumulam grande parte da riqueza do planeta.

A pobreza, por sua vez, e conseqüentemente os empobrecidos e marginalizados, correspondem a um retrato, sempre antigo e renovado, da maioria da população da Terra. Esta maioria é cotidianamente desafiada a sobreviver com muito pouco. É sabido, hoje, que a fome vem diminuindo, mas há muito que realizar para que se extinga verdadeiramente. Grande parcela dos pobres, expressiva nesta terra, corresponde também ao Povo de Deus, convocado por Deus mesmo, constituindo a chamada *ecclesia*, a Igreja, que é convidada por Ele a conservar-se viva na esperança, na fé e na caridade. Os pobres, os que

⁷ Assim se inicia, em seu artigo 1º, a Declaração Universal dos Direitos Humanos: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”. A DUDH foi adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU) no dia 10 de dezembro de 1948. Ver: Organização das Nações Unidas (1948). Também a Constituição da República Federativa do Brasil, no seu artigo 1º, inciso 3º, afirma a dignidade da pessoa humana. No artigo 5º da mesma Constituição dizem-se os direitos e garantias fundamentais da pessoa humana e coletivos, afirmando-se que “todos são iguais perante a lei”. Ver: Brasil (2012).

experimentam a fé, nutrem suas esperanças em Deus e se encorajam mutuamente por força da esperança. Os cristãos sustentam suas alegrias na leitura e na visita assídua à Palavra, vivem e participam do sacerdócio de Jesus Cristo, pelo sacramento do batismo, refazem suas energias no altar com o pão eucarístico. Os cristãos, portanto, são chamados a iluminar este mundo e a dar sabor à vida dos incontáveis pobres ameaçados deste mundo (Mc 4,21).

A esperança é, destarte, uma realidade para grande parcela da população global, empobrecida e explorada, bem diferente daquela que se vive em outros continentes do mundo, como, por exemplo, na Europa e parte da América do Norte. É possível perceber a falta de esperança em lugares com melhores condições de vida. Não obstante tal observação constata-se nos dias de hoje que os ricos do hemisfério Norte vivem cotidianamente sob o signo e a ameaça crescente do medo, sobretudo dos ataques terroristas e da invasão dos pobres que imigram em busca de melhores condições de vida, os refugiados.

Percebe-se que as questões antes existenciais “pelo sentido da vida”, na Europa, hoje se converteram em questões de liberdade e segurança pública. E, como se esquivar das questões humanitárias que tocam a todos? Sobretudo, as que se levantam dos problemas com os imigrantes e refugiados. Tais questões, vividas pelos países ricos e industrializados, hoje, não são tão diferentes das que se experimentam na América Latina ou na África, desde muito tempo. Nos países pobres, em sua grande maioria, em contrapartida aos países ricos, ainda insiste em fumar a chama da esperança (Is 42,3), da “dimensão salvífica” (SOBRINO, 2008, p. 23)⁸, como expressão da fé cristã, que ainda subsiste de forma resiliente. A Europa, os EUA e os demais países desenvolvidos são convidados hoje, a partir do aldeamento global massivo, a resgatar o signo e a força da esperança, que ainda nutre o coração dos cristãos do mundo em desenvolvimento, a fim de proporcionarem respostas à altura de seus anseios e também da grande massa sofredora da humanidade, vítima constante de guerras civis e militares. A grande

⁸ Por dimensão salvífica, Ellacuría e Jon Sobrino compreendem as capacidades positivas do povo vislumbrar as esperanças de libertação.

inquietação desta massa que sofre, de refugiados e peregrinos famintos, é sem dúvida qual destino que seguirão. Onde poderão encontrar asilo, segurança, refúgio, alimento e paz?

Para J.Sobrino, tal como para I. Ellacuría faz-se indispensável levar em consideração a realidade dos povos do “Terceiro Mundo” (nomenclatura usual nas décadas de 1980 - 1990, hoje conhecidos como “países emergentes” ou “em desenvolvimento”). Para ambos os teólogos, “nas capacidades positivas do povo viu-se esperanças de libertação” (SOBRINO, 2008, p. 23). Eles perceberam, por exemplo, na missão pastoral de Monsenhor Oscar Romero, em El Salvador, a defesa e a animação do povo, traços de uma profecia viva e espiritualmente nutrida pela figura de Jesus Cristo, o bom pastor. No entanto, eles também viam no “povo crucificado” o retrato negativo daquela época, não muito diferente da dos dias atuais.

Naqueles tempos, de terríveis sofrimentos, sobretudo sob o signo maligno das ditaduras militares, que assolavam muitos países latinos, nos quais, também, surgiram corajosos profetas no coração da Igreja, I. Ellacuría percebia no “povo crucificado” a “luz” que poderia iluminar as trevas do pecado e das impunidades. Em uma leitura do profeta Is 42,6; 49,6, onde se lê que o servo do Senhor é “luz das nações”, embora estes cânticos não tratassem ainda do servo sofredor, I. Ellacuría percebeu que o Terceiro Mundo oferecia “luz ao Primeiro Mundo”, a fim de que este se visse em sua verdade, “o qual é elemento importante de salvação” (SOBRINO, 2008, p. 23). J. Sobrino, ao ler I. Ellacuría reinterpreta os sinais de esperança que devem ser lançados, como luz do farol, do mundo periférico, esquecido e, no passado, fortemente servilista, ao mundo dos favorecidos, ricos e beneficiados pela exploração dos menores. Para I. Ellacuría, o “Terceiro Mundo” nutre uma esperança, que se conflita com o medo presente no “Primeiro Mundo”. A igualdade e a fraternidade não são ideais presentes no mundo desenvolvido, como estão nas bases ideológicas do mundo em desenvolvimento. Pode-se dizer que se constata hoje, nas estruturas este mesmo signo, como outrora constatou Ignácio

Ellacuría. A civilização desenvolvida sofre um “fracasso humanista e moral” (ELLACURÍA, 1989, p. 173), que a impede de se solidarizar com a maioria dos pobres.

Uma questão indispensável, elaborada por I. Ellacuría e posteriormente revisitada por J. Sobrino, a este ponto, muito inspira aos cristãos: “[...] o que fazer para descer da cruz o povo crucificado?” (ELLACURÍA, 1982, p. 230; SOBRINO, 2008, p. 64). Tal interpelação convida os cristãos de hoje a ler o relato da Paixão sob dois signos fundamentais: o da não desesperança e o do não conformismo. No que tange a não desesperança, lê-se no relato da Paixão marcana (14,1 – 16,8) a resposta positiva de esperança contra qualquer desesperança. Jesus ressuscitado da morte de cruz (Mc 16,6-7), não foi decepcionado por Deus, pois é ressuscitado e não está mais no sepulcro. No que diz respeito ao signo do não conformismo, este se refere à lógica de não se deixar configurar pelo desânimo, pela desesperança, pelo *niilismo* dos últimos tempos, pela sensação de impotência diante dos fatos. É fundamental ver na cruz de Jesus, ainda mesmo que sinal de morte, o porvir da ressurreição. É nela que Jesus cumpre a vontade do Pai. (Mc 14,36).

Deste modo, não obstante às desilusões humanas, há uma chama de esperança que ainda fumeja, por parte de Deus, que pode ser vislumbrada também por parte dos seres humanos. Sobretudo, porque a luz da Ressurreição de Jesus, que advém da cruz pode ser, em sua pequena parcela, resultado da ação solícita dos homens, tal como de José de Arimateia (Mc 15,43) que desce Jesus da realidade que o levou à morte. José, por fim, lhe concede uma sepulta digna. A outra parcela majoritária provém de Deus, que o ressuscitará da morte. Além destas duas manifestações esperançosas, humana e divina, não se pode esquecer do desejo latente no coração das mulheres que vão embalsamar o corpo de Jesus. Elas se dirigem ao sepulcro (16,1), para manifestar ainda o cuidado com aquele que morreu; isto mostra que a morte de Jesus é assinalada, pranteada, experimentada, contudo não corresponde à última realidade, por isso, não tem um sentido catastrófico. Elas se dirigem ao túmulo, pois mantinham viva a chama da

esperança. Neste lugar, encontra-se o signo do não-conformismo. A atitude de embalsamar o corpo de Jesus não chega a uma consolidação, pois o Filho de Deus já havia experimentado a ressurreição. Este último retrato, a mensagem sobre o Ressuscitado, serve para o cristão manter-se vivo na esperança e no não-conformismo em relação à morte. Esta não deve ser a última palavra sobre Jesus de Nazaré e, por causa de sua adesão de fé a ele nem sequer sua última palavra.

A este ponto, não se pode esquecer da questão anunciada por I. Ellacuría: “que fazer para descer o povo crucificado da cruz?”. A resposta pode se amparar nos termos: solidariedade (misericórdia) e compaixão. Tais palavras encontram seu sentido último na deferência que se desperta, no outro, que deseja descê-lo de sua indigna cruz, de sua Paixão; este, chamado José de Arimateia, constitui-se aquele que age por *compaixão*, isto é, por misericórdia. Num sentido poético, poder-se-ia dizer que o “*mais pobre de mim se faz companheiro do mais pobre de outrem*”. Há, como se pode ver, no cenário da Paixão de Jesus, segundo Marcos, a companhia de alguns que se solidarizam com Jesus (Mc 15,43; 15,3-9 e 15,40-16,1). Mulheres e homens que o cercam, que se fazem seus companheiros e coparticipam de sua agonia, solidarizando-se com ele em sua morte.

Hoje, contudo, o cristão não se encontra mais diante do Cristo crucificado no Calvário, mas defronte ao povo crucificado, aos seres humanos que sofrem, diante das crianças que lutam para receber uma cura. Sim, o cristão se encontra diante de inúmeros outros Cristos crucificados, seres humanos como Jesus de Nazaré. São muitos os que se encontram crucificados, injustiçados, vilipendiados e vítimas de um sistema que os exclui. São inúmeros os inocentes que carregam a cruz por vias dolorosas e que nem sempre encontram seus Cireneus (Mc 15,21), para ajudá-los a carregá-la. São muitos os que padecem e são crucificados, transformados em vítimas da crueldade dos que pervertem o exercício do poder.

Faz-se necessário, portanto, que a comunidade cristã, a Galileia de hoje, possa lutar para diminuir e oxalá extirpar o número daqueles que são arrastados para Calvário, com suas escandalosas cruces. Evidentemente, seria incoerente com

a própria mensagem do evangelho de Jesus Cristo se dissesse que não se deve mais existir cruces. Contudo, ainda que estas continuem existindo, por conta do testemunho (*martyria*) cristão, deve-se discernir qual a melhor atitude que se pode tomar diante de tais realidades crucificadas. Certamente, o cristão não deve se acomodar, nem se deixar arrastar pela avalanche da conveniência humana, ou ainda se tornar coniventes com os perversos esquemas de injustiça deste mundo.

Faz-se indispensável e urgente que cada cristão se levante, como novo profeta, capaz de denunciar as injustiças, sobretudo, aquelas que se resultam da brutal desonestidade política. É fundamental que se anuncie também, concomitante à denúncia, a esperança de tempos melhores, a mesma esperança presente no fim do segundo evangelho: “Procurais a Jesus, o nazareno, o crucificado? Ele ressuscitou, não está aqui! Eis o lugar onde o colocaram” (Mc 16,6). É justo que toda Humanidade possa também ouvir: “*Vede eles não estão mais aqui, nós fomos capazes de descê-los da cruz e eles foram ressuscitados*” (Mc 16,7).

A hermenêutica prática, percebida a partir da leitura da Paixão de Jesus, não poderá excluir a cruz do horizonte e do caminho do cristão batizado, nem dos pobres. O que se pode aprender da Paixão de Jesus consiste na forma em que se assume a cruz, que é sinal do seguimento de Cristo. No abraçar a cruz, por parte de Jesus, aprende-se, portanto, e de forma exemplar, assumi-la na obediência e no discernimento da vontade de Deus, mantendo-se resiliente e esperançoso de que Deus jamais se esquecerá de seus filhos, como não se esqueceu de seu Filho Jesus. É lícito lembrar que no fim dos anúncios da Paixão há sempre a palavra Ressurreição, no Evangelho segundo Marcos (8,31; 9,31; 10, 33).

4 Final aberto à esperança (Mc 16,8)

Há, pois, no evangelho de Marcos, de maneira especial em seu final aberto e repleto de possibilidades, uma mensagem de esperança, de alegria discreta, que poderá ser fortalecida pelo testemunho dos cristãos. Fazem-se, desse modo,

indispensáveis a compaixão, a solidariedade e a coragem, a fim de que descer os pobres de suas cruzes. Faz-se necessário, portanto, deixar-se afetar por esta Palavra que incomoda e desinstala cada um (uma) de seus comodismos, a fim de ir ao encontro dos que sofrem. Faz-se indispensável, ainda, que construir, globalmente, uma sociedade mais justa e igualitária, fraterna e samaritana, a fim de que não existam mais crucificados.

Descobre-se, por fim, no contato e na leitura da Paixão de Jesus, em Marcos, o efeito pragmático e libertador da fé. Há, no relato marcano, uma esperança inquietante, eloquente e, ao mesmo tempo, tocante ao coração e à vida daquele que a lê se deixa interpelar por ela. Na fé em Jesus, que se dá a conhecer em sua morte e ressurreição, e sob os efeitos transformadores da narrativa esperançosa de Marcos, o fiel leitor cristão e a comunidade leitora cristã são tomados de compaixão e de solidariedade de Deus, isto é, por uma mensagem que se converte em amor. Tal mensagem, ao ser semeada nos corações humanos se radica e faz seus ramos alargarem-se sobre o mundo, se convertendo em abrigo para muitos (Mc 4,31-32), comparando-se, portanto, ao Reinado de Deus, à sua soberania sobre todos, a maior e mais valiosa mensagem do evangelho que sai da boca de Jesus, o Filho de Deus.

Desta maneira, a narrativa da Paixão de Jesus no Evangelho marcano, mesmo que encerrada de forma abrupta e assustadora, assinalando o possível medo das mulheres que não disseram nada a ninguém, “*pois tinham medo*” (16,8), lança o cristão de hoje a romper todo medo e se dirigir ao mundo a fim de anunciar a certeza da ressurreição que afugenta a morte e dá lugar à salvação. Faz-se necessário, portanto, não ter medo de ser solícito aos crucificados e anunciar a eles que se Deus ressuscitou seu filho da cruz também os ressuscitará destas escandalosas cruzes que os levam à morte.

No desfecho do relato a presença das mulheres adquire sentido e importância. Elas são mencionadas no v. 1, são exortadas pelo jovem a anunciarem que Jesus “precede os discípulos e a Pedro na Galileia” (v. 7), e, por fim, são

convidadas a se converterem em mensageiras da ressurreição. Em contrapartida, a narrativa transmite a realidade existencial comum, assinalada pelo medo e pelo silêncio das mulheres: então, “elas saíram e fugiram do túmulo e não contaram nada a ninguém, pois tinham medo” (v. 8). Esta última afirmação do narrador não resolve a questão sobre a missão das mulheres de anunciar Jesus, o Vivente. Pois, se elas não tivessem anunciado que ele venceu a morte, talvez não houvesse sentido de o evangelho ser narrado.

A realidade do medo que as mulheres viveram não se sobrepôs à coragem que tiveram de anunciar Jesus em sua ressurreição. Esta, possivelmente, constituiu-se a experiência que o leitor de Marcos é convidado a fazer, na leitura e na escuta da Boa Nova. É indispensável que a coragem deponha o medo. Na realidade, o medo e o silêncio das mulheres, foram superados, pois lá elas estavam. Este é também o desafio do leitor de hoje, superar o medo e o silêncio de anunciar Jesus Ressuscitado.

Neste sentido, anunciar Jesus, o Vivente, que caminha à frente dos seus, pode ser considerado a grande ousadia à qual o segundo evangelho convida o cristão leitor. Ademais, é pelo testemunho, na práxis do amor solidário e afetivo pelos crucificados deste mundo que o Evangelho hoje pode ser recontado e chegar à sua verdadeira hermenêutica, sobretudo no contexto latino-americano. Descer os crucificados de hoje da cruz consiste em um gesto embebido de esperança no advento da soberania de Deus, no porvir de seu Reinado, *já* presente entre nós, mas *ainda não* plenamente consolidado.

Considerações finais

A leitura do relato da Paixão em Mc 14,1–16,8 revela que Marcos constitui efetiva e afetivamente falando um evangelho tocante. Constata-se que seu evangelho é capaz de *afetar* o leitor e a comunidade cristã que o lê, independente do lugar e do tempo em que esteja. A leitura os interpela a experiência da fé e adesão a Jesus Cristo morto e ressuscitado.

Em seguida, o relato da Paixão de Jesus é capaz de causar efeitos na vida do cristão, que segue o Ressuscitado na Galileia do mundo. O escopo fundamental deste evangelho consiste na atualização da memória de Jesus na vida dos discípulos e na experiência das comunidades apostólicas, que são chamadas a seguir o Filho de Deus em sua precedência na Galileia (Mc 16,7). Para Marcos, Jesus constitui-se o Ressuscitado que caminha à frente dos seus e da comunidade eclesial até a Galileia. Lá será possível vislumbrá-lo em sua presença vivente e testemunhá-lo pela práxis solidária para com os pobres crucificados, descendo-os da cruz. A Galileia de Marcos é lugar de recomeço no Evangelho, podendo significar o mundo, no qual o Evangelho adquire sentido. A pragmática da narrativa marcana evidencia que a arte de narrar Jesus constitui possibilidade de que sua memória viva, bem como a Boa Nova do Reino Deus, se concretize na ação solidária da Igreja e dos cristãos para com os pobres deste mundo, o povo crucificado presente no continente latino-americano no Brasil.

O segundo evangelho se constitui, por fim, uma narrativa tocante e ao mesmo tempo desafiadora. A importância deste evangelho não está somente na arte de narrar Jesus, mas no fato mesmo por ele narrado: a vida de Jesus, em toda sua expressão e magnitude até a morte. Na morte de Jesus é possível contemplar-se a morte de incontáveis homens e mulheres, vítimas da crueldade do mundo. Na ressurreição de Jesus é possível encontrara resposta solícita, amorosa e definitiva de Deus, que ao acolher e assumir seu Filho, concedendo-lhe uma vida nova, acolhe e assume também a todos os massacrados, torturados e crucificados deste mundo; na ressurreição de Jesus vê-se plenamente a solidariedade de Deus para com seu Filho e para com seus filhos no mundo.

REFERÊNCIAS

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração universal dos direitos humanos, 10 dez. 1948. Disponível em: < <http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2015.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BEMJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 213-240.

BOFF, Leonardo. Como pregar a Cruz hoje numa sociedade de Crucificados? **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 44, p. 58-72, 1984.

BOFF, Leonardo. **Paixão de Cristo, paixão do mundo**: os fatos, as interpretações e o significado de ontem e hoje. Petrópolis: Vozes, 1977.

BRASIL [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais números 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo n. 168/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão números 1 a 6/1994. 35. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

ELLACURÍA, Ignacio. El pueblo crucificado: ensayo de soteriología histórica. **Revista Latinoamericana de Teología**, El Salvador, v. 6, n. 18, p. 305-333, 1989.

ELLACURÍA, Ignacio. **Las Iglesias latinoamericanas interpelan a la Iglesia de España**. Barcelona: Sal Terrae, 1982.

ELLACURÍA, Ignacio. Utopía y profetismo desde América Latina: un ensayo concreto de soteriología histórica. **Revista Latinoamericana de Teología**, El Salvador, v. 17, p. 141-184, 1989.

FRANCISCO, Papa. **Carta encíclica Laudato Si**. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus; Loyola, n. 13, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Exortação apostólica Evangelii Gaudium, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Loyola; Paulus, 2013. (EGaud, n. 20).

FRANCISCO, Papa. **O rosto da misericórdia – Misericordiae vultus**. Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. São Paulo: Paulus, 2015.

MORO, Ulpiano Vázquez. **A orientação espiritual**: mistagogia e teografia. São Paulo: Loyola, 2001.

SILVA, Luiz Vieira. **Jesus-Servo de Deus, ponto de interseção entre as Cristologias descendente e ascendente:** um paradigma alternativo de comunhão para o seguimento de Jesus na Cristologia da Libertação Latino-americana na perspectiva de Jon Sobrino. Rio de Janeiro, 2010. (Tese de doutorado) - Centro de Teologia e Ciências Humanas, PUC-RIO.

SOBRINO, Jon. **Fora dos pobres não há salvação:** pequenos ensaios utópicos-proféticos. São Paulo: Paulinas, 2008.

SOBRINO, Jon. **O Princípio Misericórdia:** descer da cruz os povos crucificados. Petrópolis: Vozes, 1994.

SOBRINO, Jon. Os povos crucificados, atual servo sofredor de Javé: à memória de Ignacio Ellacuría. **Concilium**, Petrópolis, v. 6, n. 232, p. 117-127, 1990.

TAVARES, Sinivaldo Silva. **A cruz de Jesus e o sofrimento no mundo.** Petrópolis: Vozes, 2002.

XAVIER, Donizete José. A poética do devir a partir da hermenêutica bíblica de Paul Ricoeur. **Revista Teoliterária**, São Paulo, v. 7, n. 4, 2007.